

AS CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NO ESPAÇO LUSÓFONO NO QUADRO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

MANUEL BRAGA DA CRUZ*

1. As Ciências da Comunicação, das mais jovens entre as Ciências Sociais e Humanas, estão ainda longe da maturidade, correndo riscos típicos da adolescência científica

Entre os principais riscos que correm hoje as Ciências da Comunicação avultam os que afectaram as Ciências da Educação, que à custa de tanto se preocuparem com o *como* educar, com o *modo* da educação, se esqueceram por vezes do *sentido* e do *conteúdo* dessa mesma educação. Da mesma forma, as Ciências da Comunicação, de tal modo fascinadas com os *meios* de comunicação, correm o mesmo risco de se perderem do fundamental, daquilo que se comunica e das pessoas que comunicam.

São dois essencialmente os grandes riscos das Ciências da Comunicação: de um lado o *formalismo*, que se enreda nos processos e mecanismos da comunicação, abstraindo dos conteúdos e dos sentidos da comunicação; do outro lado, o *tecnicismo* que, maravilhado pelos progressos da tecnologia, acaba por confundir os meios e a mensagem, caindo no vazio de sentido comunicante.

É a esta luz que ganha importância a *cultura como conteúdo da comunicação*, e a definição das próprias Ciências da Comunicação como Ciências da Cultura. O que diferencia e qualifica a comunicação não é seguramente tanto a tecnologia como os conteúdos culturais.

* Universidade Católica Portuguesa, Lisboa.

2. Faz por isso sentido falar de *lusofonia* a propósito das Ciências da Comunicação, pois ela é substrato cultural de comunicação.

Muito embora a comunicação não se reduza a comunicação escrita e falada, o facto é que a língua é *matriz de cultura* na acepção lata do termo, e daí a pertinência de falar de comunicação lusófona a propósito de conteúdo cultural de comunicação.

A lusofonia, como matriz cultural, como elemento estruturante da comunicação entre povos e culturas, corporiza-se e traduz-se na troca e construção de valores, de representações materiais e mentais, de símbolos e formas de reconhecimento, de expressões culturais religiosas, de padrões de comportamento, de maneiras de estar no mundo.

A lusofonia não é matriz cultural exclusivamente portuguesa, mas resulta do encontro de culturas, convertendo-se *numa realidade cultural híbrida e composta*, com expressões no plano *étnico* (de que o luso-tropicalismo de Gilberto Freire é exemplo), no plano *linguístico* (de que o crioulo é formulação evidente), no plano *artístico* (de que o indo-português é tradução de vulto).

Nesse sentido, a lusofonia é uma *identidade colectiva*, constituída por traços e características comuns. Jorge Dias, ao caracterizar o mundo lusobrasileiro como «área cultural», identificava como seus elementos comuns o patriarcalismo e o comunitarismo primigeniamente portugueses, a religiosidade tolerante e humanizante (ausente de misticismo) e a inexistência de preconceitos raciais, a hospitalidade e cordialidade quentes.

A lusofonia é pois uma identidade cultural tanto *imaterial*, vertida em formas de pensamento e de representação, como *material*, traduzida em artefactos de trabalho e tecnologias, em peças de arte, em manifestações de vida quotidiana.

Esta identidade cultural lusófona é uma *identidade histórica*, assente num passado comum, numa história colectivamente vivida. Mas parte também de um presente, e da sua percepção, para se projectar num futuro que se pretende comum, baseado em interesses e valores comuns. Não é seguramente uma realidade estática, mas em constante evolução e desenvolvimento. É um património em reelaboração permanente, uma identidade em construção incessante, descobrindo e afirmando constantemente novas afinidades e objectivos comuns. É uma *memória*, mas também um *projecto* que importa reafirmar dia a dia.

3. Este entendimento da lusofonia como *cultura*, mais do que como *língua*, remete mais para as *ciências sociais* e humanas do que para as *letras*.

O espaço da lusofonia é de diáspora. O que caracteriza socialmente a lusofonia é a descontinuidade geográfica, a disseminação mundial e a diversidade étnica. As fronteiras da lusofonia não são físicas mas culturais.

A matriz cultural da comunicação que é a lusofonia exige e reclama por isso as ciências sociais e humanas, a sua epistemologia e a sua metodologia. Daí a pertinência do tema desta mesa redonda, ao colocar o problema da lusofonia, enquanto conteúdo cultural de comunicação, no contexto das ciências sociais e humanas.

A comunicação cultural lusófona é devedora das ciências sociais e humanas, deve ser estudada do ponto de vista delas. O que aponta inequivocamente para a interdisciplinaridade, dada a diversidade das manifestações culturais

Mas a comunicação, se se quer institucionalizar, tem que adquirir autonomia científica e especificidade, para além da interdisciplinaridade. A comunicação, se se quer assumir cientificamente como disciplina, deve entender-se como espaço científico próprio e exclusivo, entre as ciências sociais. Exclusividade que passa pela construção própria do seu objecto e do método para o abordar. A ciência social da comunicação deve definir com autonomia o que estuda e como o estuda, se quer prestar ao entendimento científico do domínio da comunicação um contributo relevante e decisivo.